

**MARACATU MIRIM: A DESCOBERTA DA CULTURA BRASILEIRA PELAS  
SENSAÇÕES DA DANÇA.**

**Vanessa Guimarães dos Santos.**

**Escola e Faculdade de Dança Angel Vianna (FAV).**

**[vanessa\\_gs2004@yahoo.com.br](mailto:vanessa_gs2004@yahoo.com.br)**

**Danças populares – Maracatu para crianças.**

**RESUMO:** o presente trabalho discute a atuação dos professores do ensino fundamental – 1º segmento das escolas públicas do Município de Duque de Caxias, na produção de conhecimento sobre suas práticas e com relação ao aprendizado e disseminação da cultura negra, uma das raízes histórico-culturais do povo brasileiro. Afinal, a não valorização da cultura que representa 90% dos estudantes da escola, que são negros, significa roubar a capacidade de auto-valorização, de representações positivas e calar a voz desses estudantes. Como ações irradiadoras e micropolíticas podem interferir no contexto social atual, imerso em fundamentalismos religiosos que impedem por pura ignorância o simples conhecimento da cultura negra? A dança popular foi um instrumento fundamental para vencer o perigo que representa uma história única.

**PALAVRAS-CHAVE:** escola pública, danças populares, cultura.

Você já experimentou dançar: Lundu, Carimbó, Siriá, Samba de roda, Catira, Maracatu, Cavalo-marinho, Maculele, Jongo, Tambor de Crioula, Marujada? Ou pelo menos já assistiu, mesmo que em vídeo, alguma apresentação? Talvez até os nomes destas danças, soem estranhos! Mas por quê?

As danças folclóricas representam forma tradicional de dança recreativa do povo. São um importante componente cultural da humanidade. E passam de geração para geração. O folclore brasileiro é rico em danças que representam as tradições e a cultura de determinadas regiões. Estão ligadas aos aspectos religiosos, festas, lendas, fatos históricos, acontecimentos do cotidiano e brincadeiras.

As danças folclóricas brasileiras caracterizam-se pelas músicas, figurinos, alegria e cores. São realizadas em espaços públicos como praças, ruas e largos. Um convite a participação do povo brincante que se constroem na expressão mais pura de si mesmo. O que nos remete a outra questão: porque não conhecemos tamanha beleza e poder expressivo?

Darcy Ribeiro (1997) nos oferece contribuição fértil ao discorrer sobre a história da formação cultural e social do povo brasileiro. Segundo ele, os brasileiros são um povo em “fazimento” (p.453). Ou seja, somos protagonistas de uma tarefa complexa, pois a mistura de inúmeras culturas criou uma nova, que tem como característica, justamente, a apropriação de elementos já existentes, mas sempre os readaptando a nossa realidade.

Porém, essa recriação é retrato fiel das tensões sociais que movimentam a sociedade, e como tal, engendrou desigualdades quanto a valorização de determinadas culturas, como a indígena e a africana. Talvez esteja justificado aqui nosso desconhecimento de danças folclóricas indígenas e negras enraizadas pelo Brasil. Mas a desvalorização e os estereótipos não calam ou conseguem apagar a cultura que emerge das ruas. Que se faz no ato político do encontro e da resistência.

Mas o que a escola tem a ver com isso? A escola, principalmente, a escola pública tem uma função social que pode ser a de promover a manutenção da

sociedade vigente ou de promover micromovimentos e experiências para democratizar a sociedade.

Não foi por acaso que a Lei nº 10.639/03 alterou a Lei nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". A história negra que habitualmente era (ou é!) contada, através da escravidão, precisava (ou precisa!) ser contada sob o viés de sua representação positiva. Ou seja, é urgente garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira.

Assim surgiu a vontade de trazer uma dança folclórica de origem negra para a escola pública. A escolha do Maracatu se deu graças a minha prática de dança. Pratico dança Afro e Maracatu, entre outras. Quem sou eu? A professora, claro! Mais uma daquelas que teima em compartilhar com os alunos as mesmas belas experiências que vive fora da escola.

Afinal, o que é Maracatu? E como se deu a entrada dele na escola pública? Segundo o site de mapeamento de Maracatu no Brasil: <http://maracatu.org.br>

“(...) Com a abolição da escravatura no Brasil no fim do século XVIII, o Maracatu passa gradualmente a ser caracterizado como um fenômeno típico dos carnavais recifenses, como ocorreu com o Frevo, o Caboclinho, o Cavalo-marinho entre outras práticas populares brasileiras, mas mantém em muitos “agrupamentos” uma forte ligação com a religiosidade do Candomblé ou Xangô Pernambucano.

No período carnavalesco em Pernambuco é comum nos depararmos com os batuques dos maracatus nação, que anunciam o cortejo real. Na verdade o que hoje nos parece tão comum ainda traz muitas interrogações sobre sua história.

Considera-se que surgiu onde hoje é o estado de Pernambuco, principalmente nas cidades de Recife, Olinda e Igarassu (que antigamente abrangia também o que são hoje os municípios de Itapissuma, Abreu e Lima e Itamaracá), durante o período escravocrata, provavelmente entre os séculos XVII e XVIII. Como a maioria das manifestações populares do país é uma mistura de culturas ameríndias, africanas e europeias.

Apesar de existirem muitas visões, histórias e hipóteses diferentes, a explicação mais difundida entre os estudiosos a cerca da origem do Maracatu Nação é a de que ele teria surgido a partir das coroações e autos do Rei do Congo, prática implantada no Brasil supostamente pelos colonizadores portugueses e por consequência permitida e difundida pelos senhores de escravos.

Os eleitos como Rainhas e Reis do Congo eram lideranças políticas negras, intermediários entre o poder do Estado Colonial e as mulheres e homens de origem africana. Destas organizações teriam surgido muitas manifestações culturais populares que passaram a realizar encontros e rituais em torno dessas representações sociais, dando origem ao Maracatu de Baque Virado.”

Os “maracatus-nação” surgiram como as vozes do negro na rua. Os desfiles contam a história vivida por aquele povo na época da colonização e da escravidão no Brasil. Era um grito preso na garganta que saia expresso na música e na dança. As toadas, músicas cantadas no Maracatu trazem referências fortes do Candomblé, uma religião perseguida e até hoje estereotipada. Se podemos conhecer e gostar da mitologia grega porque não podemos conhecer e gostar a mitologia africana? Os deuses representados em ambas são arquétipos, forças da natureza e sentimentos personificados para que as pessoas se identifiquem, se repensem, se empoderem e sejam cidadãos.

“A produção cultural dos blocos afro tem contribuído para perpetuar uma imagem cada vez mais negra, não apenas da Bahia, mas também dos indivíduos seduzidos pelas mensagens afrocentradas e pelas narrativas identitárias produzidas pelos blocos. Aliada ao discurso – e totalmente permeada por ele – está a prática dos blocos afro, realizada através de projetos de ação social nos bairros em que se localizam, Utilizando o poderoso arsenal de músicas, ritmos, danças indumentárias e penteados, os membros mais velhos dos blocos afro investem nas crianças e adolescentes, apostando que estes terão acesso ao que eles próprios não tiveram plenamente: o ingresso na sociedade dominante, no mercado de trabalho e de consumo, no mundo da política, e enfim a conquista da cidadania.” (PINHO, 2004, p.124)

E a escola? Ela é um lugar de repensar conceitos e criar mundo! Mesmo vivendo um momento de fundamentalismos na sociedade, ela pode oferecer a

experiência. Não preciso gostar de Maracatu, isso é uma escolha, pode acontecer ou não, o interessante é ter a oportunidade de conhecer, de sentir, de opinar, de saber que existem diversas vozes na sociedade. A comunidade do Corte Oito aceitou o desafio.

A primeira apresentação ocorreu na Festa Julina, os pais vibraram ao ver as crianças empoderadas, conscientes e felizes de estarem trazendo algo novo para todos assistirem.

Seguiram-se 2 apresentações em feiras de cultura em outras escolas da rede municipal de Duque de Caxias. Comunicação, diálogo, trocas afetivas entre os estudantes e esperanças compartilhadas com outros profissionais. Apesar das dificuldades era possível romper barreiras e intensificar a possibilidade humana. Era possível desdobrar gente por dentro, através da cultura.

A quarta apresentação aconteceu no Festival Folclorando, UFRJ, destinado a receber trabalhos de folclore desenvolvidos de modo geral (escolas públicas, escolas de dança, grupos folclóricos). Experiência única. Os estudantes não só dançaram, mas assistiram danças populares de todo Brasil. Ampliação de repertório cultural e estímulo ao prazer de assistir outros grupos em cena, mostrando sua arte.

Por fim, os estudantes pisaram pela primeira vez no palco de um teatro. O teatro Raul Cortez, em Duque de Caxias. A comunidade inteira vibrou e ganharam a consciência de que a cultura, a arte, a dança abrem portas de experiência e essa é uma das funções da educação pública, oportunizar a entrada em lugares nunca antes pensados.

Os estudantes tem fome de conhecimento, de experiências pulsantes e vibram a cada debate, a cada ensaio, a cada descoberta... A dança popular não é um fim em si mesma, ela potencializa um contexto de estudos e apropriação de conhecimentos, sejam culturais, históricos, sociais e/ou pedagógicos. A cultura, a arte, a dança são meios de praticar uma micropolítica amorosa.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura de mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

PINHO, S. Patrícia. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo: Annablume, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

Site <http://maracatu.org.br/o-maracatu/historia/> Acessado em: 30/08/2015.

ANEXO 1 - Produção textual - Cassiane Rangel - 4º ano ensino fundamental.

17/08/2015

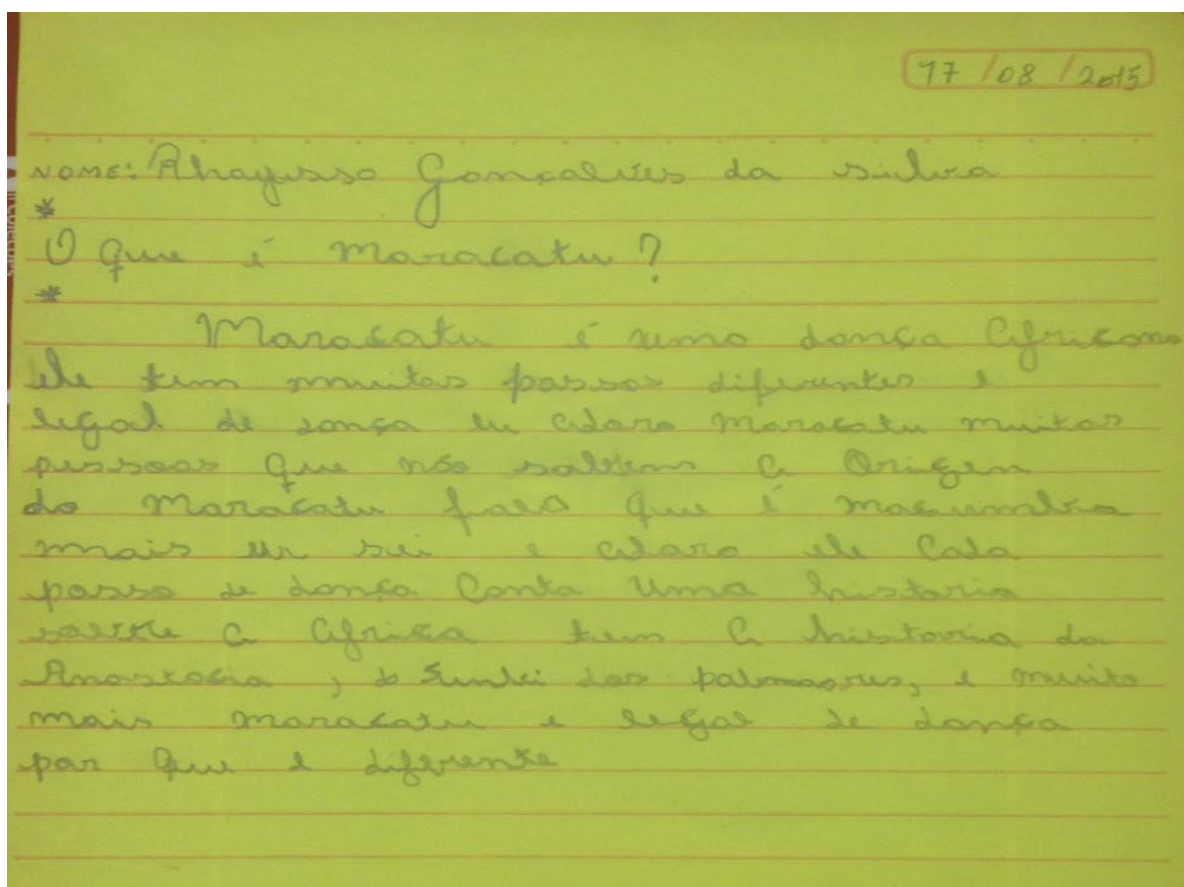
nome: Cassiane Rangel Alves.

O que é maracatu?

O maracatu é uma dança que as pessoas da África fazem movimento com as mãos trabalhando e cada dança que o gente dança conta uma história e eu adoro dançar eu aprendi a saber dessas coisas com a minha professora, todos dizem que se chama macumba eles não sabem o que está falando e perdendo eu falava. Que essa música era macumba agora eu aprendi e sei o que é. Eu gosto de dançar essa música é diferente e muitas pessoas não conhecem a origem dos outros.



ANEXO 2 - Produção textual -Rhayssa Gonçalves - 4º ano ensino fundamental.



ANEXO 3 - Produção textual – Gabriel da Silva - 4º ano ensino fundamental.

